

CONTOS DA LUA VAGA [depois da chuva] 1953



“Tantas coisas aconteceram.

*Finalmente você se tornou o homem pelo qual eu esperava. Mas ai de mim... eu não
estou mais entre os vivos.*

Acho que esse é o caminho do mundo.”



“Esse seu amor é proibido.

Você não ama sua esposa e filho?

Você abriria mão da sua vida e os abandonaria também?”

Kenji Mizoguchi foi um dos primeiros grandes mestres do cinema japonês.

Ele nasceu em Tóquio, em 1898.

A infância e a adolescência do diretor foram marcadas por grandes dificuldades financeiras e traumas

Seu pai, carpinteiro de profissão, chegou a vender guarda-chuvas para os militares durante a guerra russo-japonesa. Aos 13 anos, Mizoguchi teve que abandonar a escola e virar aprendiz de farmacêutico no interior.

Ele voltou para casa um ano depois, sofrendo de artrite degenerativa, doença que afetou sua maneira de andar pelo resto da vida.

Um dos acontecimentos que mais marcaram o jovem Mizoguchi foi a venda de sua irmã mais velha para uma casa de gueixas, quando esta era ainda adolescente.

Foi essa mesma irmã quem cuidou dele e do irmão mais novo após a morte da mãe. Aos 18 anos, Mizoguchi começou a se interessar por diferentes manifestações artísticas: ópera, teatro e pintura.

Antes de dirigir seu primeiro filme em 1923, ele trabalhou como designer publicitário em um jornal, como ator e como assistente de direção.



“Este mundo é uma residência temporária, onde vamos chorar até que a madrugada venha coberta pelas ondas.”

Mizoguchi dirigiu mais de 90 filmes ao longo de seus 33 anos de carreira.

Entre as décadas de 20 e 30, ele chegou a dirigir mais de um filme por mês.

No entanto, o diretor declarou que foi a maturidade dos quarenta anos que o fez realmente distinguir quais verdades humanas ele queria expressar em suas obras.

Mizoguchi deu especial atenção, em seus filmes, ao papel da mulher na sociedade japonesa e, por essa razão, ele é considerado um diretor feminista.

Muitas das heroínas dos filmes do cineasta são mulheres marginalizadas e sofredoras, como gueixas e donas de casa infelizes.

‘Alguns biógrafos apontam que esse interesse em retratar a condição da mulher no Japão está relacionado às dificuldades e aos sofrimentos pelos quais passaram a mãe e irmã do diretor.

O cineasta deixou uma extensa filmografia, ainda que muitos de seus primeiros filmes tenham se perdido.

Mizoguchi morreu aos 58 anos, vítima de uma leucemia.

A influência do diretor cruzou fronteiras e ele adquiriu em vida grande reconhecimento dentro e fora do Japão.

Ele ganhou dois prêmios no Festival de Veneza e chegou a ser indicado à Palma de Ouro em Cannes.

Seu estilo influenciou grandes diretores e ele era tido como referência pelos cineastas da *Nouvelle Vague* francesa.

Jacques Rivette e Jean-Luc Godard, por exemplo, eram grandes fãs do diretor japonês.

Dentre os filmes mais célebres do cineasta estão:

As Irmãs de Gion (1936), *Crisântemos Tardios* (1939), *O Intendente Sancho* (1954), *Olharu – A Vida de uma Cortesã* (1952) e *Os Amantes Crucificados* (1954).

O filme *Contos da Lua Vaga* (1953) é geralmente apontado como a sua maior obra-prima.



*Você não poderá retornar.
Venha comigo para minha terra natal.”*

Contos da Lua Vaga (ou *Contos da Lua Vaga Depois da Chuva*, tradução aproximativa de *Ugetsu Monogatari*) é a adaptação de duas histórias presentes no livro de mesmo nome, escrito por Ueda Akinari, autor japonês do século 18.

Uma das intrigas do filme, no entanto, é inspirada no conto *Décoré!* (1883) de Guy de Maupassant, escritor francês.

O filme se passa no século 16, em meio às guerras civis japonesas.

Genjurô vive com a esposa Miyagi e seu filho pequeno à beira do lago Biwa, na província de Omi.

Ele faz potes de cerâmica para vender na cidade grande.

Com esperança de ficar rico, ele decide iniciar uma grande produção de potes. Nessa empreitada, Genjurô conta com a ajuda de Tobei, seu vizinho e irmão, um homem obcecado pela ideia de virar samurai.

Após o ataque de soldados ao vilarejo onde moram, Genjurô e sua família, assim como Tobei e sua esposa Ohama, resolvem partir com as mercadorias para outra cidade.

Temendo a ação de piratas, Genjurô decide deixar sua mulher e filho para trás, acreditando que eles estarão mais seguros.

Ele promete voltar em breve para buscá-los.

No entanto, chegando à cidade, Genjurô acaba por conhecer uma elegante e misteriosa mulher, Lady Wasaka, que o faz esquecer sua família.

Enquanto isso, Tobei faz de tudo para virar um samurai, deixando também de lado sua mulher.

Abandonada, Ohama é estuprada por um grupo de soldados e, depois, é obrigada a se prostituir para sobreviver.

Ao longo do filme, acompanhamos o destino dos quatro personagens principais. Será que Genjurô e Tobei reencontrarão suas esposas



*“Eu não morri.
Eu estou ao seu lado.
Seus delírios chegaram ao fim.
Você é novamente seu verdadeiro ‘eu’ no lugar onde pertence.
Seu trabalho está esperando...”*

A popularidade de *Contos da Lua Vaga* no ocidente foi impressionante na época de seu lançamento e nos anos que se seguiram.

O filme contribuiu enormemente para aumentar o interesse do público ocidental pelo cinema japonês.

Tudo indica que o clássico de Mizoguchi tenha feito mais sucesso internacionalmente que dentro do Japão.

Vários críticos e cineastas louvaram a direção do filme e ele é tido, ainda hoje, como uma das maiores joias do cinema japonês.

O filme é, de fato, primoroso em inúmeros aspectos.

A cena inicial e a cena final do longa-metragem são, por exemplo, belas rimas visuais.

Contos da Lua Vaga começa e termina com a imagem do vilarejo, que nos é revelado através do mesmo tipo de movimento de câmera.

Outras sequências são inesquecíveis.

Uma das mais famosas é aquela em que os personagens principais viajam de barco pelo lago Biwa, em meio à névoa.

A belíssima fotografia e o canto mórbido de Ohama fazem com que essa cena ganhe contornos oníricos e inquietantes.

A direção de Mizoguchi continua a nos impressionar ao longo do filme.

É admirável, por exemplo, a maneira com que ele representa o estupro.

Ao invés de mostrar o acontecimento em si, ele focaliza alguns elementos laterais, como os sapatos da personagem jogados na areia, do lado de fora da casa.

Essa é uma maneira de representar indiretamente o horror que ocorre entre quatro paredes.

O diretor explora brilhantemente o jogo de luz e sombras para representar o universo de Lady Wasaka.

É interessante observar como a iluminação participa da construção da personagem.

Na maioria das vezes, ela tem uma brancura fantasmagórica.

Em outros momentos, ela parece se misturar à escuridão e mesmo flutuar.

Todo envolvimento de Genjurô e Lady Wasaka é, por sinal, tratado com uma sensibilidade impressionante.

A perda de referência temporal e a impressão de um universo paralelo são resultado das escolhas formais do diretor.

O preciosismo de Mizoguchi dá ao fantástico e ao sobrenatural uma dimensão estética impressionante.

Em *Contos da Lua Vaga*, Mizoguchi combina magistralmente realismo social e o sobrenatural.

No filme, Miyagi e Ohama são vítimas da ambição e da imprudência de seus maridos.

Ainda assim, são as personagens mais fortes.

Se Mizoguchi explora o fantástico através da figura de Lady Wasaka, ele faz prova de um realismo impiedoso, tanto na cena em que Ohama tenta se defender dos soldados, quanto naquela em que Miyagi tenta proteger sozinha seu filho pequeno e impedir o roubo de seu último alimento.

O desfecho de *Contos da Lua Vaga* é de um lirismo inigualável: uma emocionante reflexão sobre a morte e sobre a pós-morte.

A obra-prima de Mizoguchi é uma aula de cinema.



<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/coluna/ler/499/contos-da-lua-vaga-depois-da-chuva>

CINEMA
EM CENA

Ugetsu monogatari (1953) de Kenji Mizoguchi

De [Helena Ferreira](#) · Em Dezembro 5, 2013

Um dos mais célebres filmes do mestre japonês Kenji Mizoguchi, **Ugetsu monogatari** (Contos da Lua Vaga, 1953), abriu esta semana o ciclo “Passado e Presente do Japão no Cinema” na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

Um bom pretexto para visitar este clássico, cuja segunda exibição no ciclo tem lugar amanhã.



No mesmo ano em que Mizoguchi realizou **Ugetsu monogatari**, Yasujiro Ozu filmava **Tokyo monogatari** (Viagem a Tóquio, 1953).

Ambos contribuíram de forma significativa para um maior conhecimento e valorização do cinema japonês no “Ocidente”.

Ugetsu deu a Mizoguchi o Leão de Prata no Festival de Veneza e continua a ser descrito até hoje como uma obra onde o “exótico” é potencialmente mais apelativo para audiências estrangeiras.

Talvez.

Mas duvidamos que a Mizoguchi interessasse muito tais coisas.

Afinal, não há nada em **Ugetsu** que destoe das suas obras mais emblemáticas, e estas foram concebidas no e sobre o Japão, não para agradar a um público estrangeiro, ainda que este não tenha dificuldade em sentir-se fascinado pelo mundo de sonho (e pesadelo) de **Ugetsu**.

Ugetsu passa-se no século XVI, quando o Japão se encontrava em período de guerras civis.

Numa aldeia japonesa, o ceramista Genjuro (Masayuki Mori) vive com a mulher Miyagi (Kinuyo Tanaka) e o filho.

Consigo colabora Tobei (Eitaro Ozawa), que sonha deixar a sua vida de pobreza e ser samurai.

A mulher, Ohama (Mitsuko Mito) critica-o pela ilusão de tal projecto e exorta-o a sentir-se satisfeito com o que tem.

De forma idêntica, Miyagi também alerta o marido para os perigos da sua ânsia de lucro ao tentar aproveitar-se da situação de guerra para vender mais peças de cerâmica.

Os prenúncios e agoiros estão presentes desde o início.

“Lucros feitos em tempos de guerra não duram”, diz alguém. Neste filme de ambições desmedidas, os castigos virão com serena crueldade, e se o filme termina no mesmo espaço físico em que começa (a cabana de Genjuro) e a paisagem transmite uma ideia de *continuum*, é certo que o destino deixa as suas irreparáveis marcas.

Tobei conseguirá ser samurai, mas a sua ascensão é inversamente proporcional ao percurso da mulher, violada por soldados e forçada a trabalhar como prostituta.

Os empreendimentos de Genjuro não têm melhor fim.

Embora consiga atrair a admiração de uma antiga aristocrata, Lady Wakasa (Machiko Kyo), com as suas peças e iniciar com ela uma relação de sensual idílio, perceberá que tal não passa de uma ilusão, já que Wakasa é um fantasma e a sua esplendorosa mansão nada é senão uma ruína.

No entanto, enquanto Genjuro persegue tal quimera, a esposa dedicada que deixara para trás é cruelmente assassinada por um bando de assaltantes.

Nem o final apaziguador, com a voz doce do fantasma de Miyagi e a imutabilidade da paisagem rural, vem afastar por inteiro a(s) tragédia(s) do filme. Mizoguchi dá-nos a ver aqui, como tinha dado e daria noutras obras suas, os efeitos de conflitos e da violência em pessoas comuns.

A mensagem é tão crítica como de serena resignação, como se todo o mal que é causado pela ambição dos homens fosse inescapável porque faz parte da sua natureza e o sofrer faz parte do destino humano.

A visão terrífica do sofrimento e corrupção causado pela guerra não deve ter soado oca na época em que o filme foi feito, menos de dez anos depois do final da Segunda Guerra Mundial.

Veja-se o significativo diálogo entre Tobei e Ohama quase no final.

“A guerra deixou-nos loucos de ambição”, diz ele, ao que ela lhe responde:

“Não deixes que o meu sofrimento tenha sido em vão. Reergue-te e trabalha com afinco”.

Também as preocupações de Mizoguchi com o sofrimento feminino não estão ausentes.

Em **Ugetsu** não há vítimas maiores do que as três mulheres do filme:

Miyagi, Ohama e Wakasa.

As duas primeiras sentindo no corpo o preço da vã ambição dos maridos, a última condenada à solidão da eternidade por guerras de outros.

A narrativa de **Ugetsu** capta a atenção pelo seu tom de fábula, que se segue como se de uma história de encantar se tratasse.

E, na verdade, é essa a base do filme, inspirada em dois contos do sobrenatural escritos no século XVIII por Akinari Ueda e publicados numa antologia intitulada precisamente *Ugetsu monogatari* (Contos da Lua e da Chuva).

A música é outro elemento essencial em **Ugetsu**. Contudo, é o extraordinário trabalho visual do filme que o coloca entre os mais magistrais do cinema japonês.

Com planos longos, mas não estáticos, que nos mostram o desenrolar da acção e integram as personagens nas paisagens que habitam.

Há momentos de particular esplendor neste filme a preto-e-branco que é tudo menos cinzento, tamanha a sua riqueza pictórica (veja-se algo aparentemente tão simples como os elaborados quimonos que surgem em alguns momentos do filme).

É o caso da viagem de barco no rio, com Ohama a cantar enquanto rema, a água cristalina e a penumbra e nevoeiro transformando a cena numa das mais atmosféricas do filme, de tanta beleza como inquietude.

Ou a ideia de sofrimento atroz retratada nas poses dos corpos de Miyagi a ser esfaqueada com o filho às costas ou de Ohama estendida no chão de boca vendada após ser violada pelos soldados, que são de uma força trágica aterradora.

Ou ainda as cenas entre Genjuro e Wakasa na mansão desta, extraordinárias pela meticulosa *mise en scène*.

Das sombras e luz aos gestos ritualísticos, tudo ali evoca um tempo preso ao passado.

O momento em que Wakasa descobre os caracteres de exorcismo tatuados na pele de Genjuro e este confirma que esta é um fantasma é de uma tensão cortante, pelo horror e pela tristeza do estilhaçar daquele sonho de paraíso, cujo mais memorável reflexo é o plano que une a noite ao dia na cena de amor entre os dois.

Ugetsu monogatari é um dos filmes mais aclamados da história do cinema e não é difícil perceber porquê.

A sua atmosfera de sonho só é possível no cinema, onde o mais horrível da experiência humana pode coexistir com o mais belo na mesma experiência visual.

[http://www.interfilmes.com/filme_19256_Contos.da.Lua.Vaga.Contos.da.Lua.Vaga.Depois.da.Chuva-\(Ugetsu.monogatari\).html](http://www.interfilmes.com/filme_19256_Contos.da.Lua.Vaga.Contos.da.Lua.Vaga.Depois.da.Chuva-(Ugetsu.monogatari).html)

InterFilmes.com



Informações

Título no Brasil	Contos da Lua Vaga / Contos da Lua Vaga Depois da Chuva
Título Original	Ugetsu monogatari
Ano Lançamento	1953
Gênero	Drama / Suspense
País de Origem	Japão
Duração	96 minutos
Direção	Kenji Mizoguchi
Estúdio/ Distrib.	Lume Filmes

Elenco

[Machiko Kyô](#)
[Mitsuko Mito](#)
[Kinuyo Tanaka](#)

... Lady Wakasa
... Ohama
... Miyagi

Masayuki Mori	... Genjurô
Eitarô Ozawa	... Tôbei
Sugisaku Aoyama	... Old Priest
Mitsusaburô Ramon	... Captain of Tamba Soldiers
Ryôsuke Kagawa	... Village Master
Kichijirô Ueda	... Shop Owner
Shôzô Nanbu	... Shintô Priest
Kikue Môri	... Ukon
Ryûzaburô Mitsuoka	... Soldier
Ichirô Amano	... Boatsman
Eigorô Onoe	... Knight
Saburô Date	... Vassal
Fumihiko Yokoyama	... Meshiro
Ichisaburo Sawamura	... Genichi
Koji Murata	
Yukio Horikita	... Armored knight
Akira Shimizu	... Armored knight
Shuntarô Tamamura	... Armored knight
Shirô Osaki	... Armored knight
Toshio Chiba	... Armored knight
Hachirô Ôkuni	... Brothel armored knight
Shirô Miura	... Brothel guest
Hajime Koshikawa	
Tetsu Mikami	... Brothel guest
Jun Fujikawa	... Defeated soldier
Takaji Fukui	... Defeated soldier
Eiji Ishikura	... Defeated soldier
Tokurin Takeda	... Defeated soldier
Kôji Kanda	... Defeated soldier
Masayoshi Kikuno	... Chôhatsu's soldier
Michio Yuri	... Chôhatsu's soldier
Sô Funagami	
Shigeru Hasegawa	
Teruko Ômi	... Prostitute
Keiko Koyanagi	... Prostitute
Masako Tomura	... Prostitute
Tokiko Mita	... Lady attendant

Tokuko Ueda	... Lady attendant
Sachiko Sôma	
Reiko Kongô	... Old Woman in Brothel
Kazue Tamaki	... Villager

Sinopse

Obra-prima do cinema fantástico, o filme é uma fábula passada no século XVI em um Japão feudal violento durante a sangrenta guerra civil e conta a história de um fazendeiro que quer ser samurai e de perseguições de fantasmas.

Realizada pelo mestre japonês Kenji Mizoguchi cheio de atmosfera e força, é um dos mais importantes filmes da história do cinema e um belo exemplo do cinema japonês clássico. Ganhou o Leão de Prata no festival de Veneza de 1953.

São Paulo, SP, 28 Fevereiro de 2019

Mkmouse